

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS**

por

DANIELA JORGE DA SILVA

8,8
/ 2004

FEVEREIRO/2003

**IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS**

por

DANIELA JORGE DA SILVA

**Monografia apresentada à Escola
de Educação da Universidade do
Rio de Janeiro para conclusão de
graduação em Pedagogia.**

**RIO DE JANEIRO
FEVEREIRO/2003**



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): DANIELA JORGE DA SILVA

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: IMPlicações NO DESENVOL-
VIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS

ORIENTADOR: ATA MANSO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador: Professor convidado Angela

Professor: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 9,0 (NOVE)

Considerações Finais:

A monografia apresenta uma funda-
mentação teórica muito boa, desenvolve um
tema de grande relevância, principalmente
porque a autora traz a discussão de
experiências vividas na educação infan-
til, mas alguns trechos precisam melhorar
a redação, por isso a sua nota é 9,0
(nove).
ATA

Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : RITA MARIA MANGO DE BARROS

Nota: 8,5 (oito e cinco)

Considerações Finais:

Tema difícil e, no entanto, fundamental no processo educativo.

A autora aborda bem tema que extrapola a sua área mas o faz com muita sensibilidade.

Observo apenas que a bibliografia poderia ser ampliada caso pretendia continuar suas pesquisas em um mestrado ou especialização.

Recomendo que a aluna prossiga seus estudos.

Sugiro também uma melhor elaboração do texto.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II

Professor: Sígia Martha Coelho

Nota : 8,5 (oito e meio)

Considerações Finais:

Formalmente, o trabalho apresenta algumas falhas - ficha catalográfica, objeto de estudo, metodologia bem definida, bibliografia + estrutura. Em termos de conteúdo, o trabalho é interessante, buscando de aprofundamento.

SM

Daniela Jorge

RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Avaliador 3 | Pontos | Nota final |
|--------------------|--------------------|--------------------|---------------|-------------------|
| <i>9,0</i> | <i>8,5</i> | <i>8,5</i> | <i>26,0</i> | <i>8,7 → 8,8</i> |
| | | | | |

Rio de Janeiro, março de 2003

DJ

“A mente torna-se consciente de si mesma, e conseqüentemente existe, psicologicamente falando, apenas quando está em contato com objetos ou com outras mentes”. (Grubel e Vonèche, 1977)



Dedico este trabalho aos meus alunos. Que fazem da minha existência algo muito importante.

AGRADECIMENTOS

A Deus que com certeza é a força que me renova a cada dia e me faz enxergar o que há de importante neste mundo e desprezar com o coração e não com atitudes o que há de supérfluo.

A meus pais e meus irmãos pelas nossas vivências.

Aos professores do curso que contribuíram para minha formação.

À professora Rita Manso, minha orientadora, por desenvolver o que muitas vezes eu não consegui verbalizar e assim contribuir enormemente para o estudo que resulta nesta monografia.

Agradeço também a todos aqueles que embora não citados, contribuíram de alguma forma para realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade levar o(a) leitor(a) a uma análise crítica da prática educativa na Educação Infantil entendendo-a como de grande influência no desenvolvimento emocional da criança.

No primeiro momento, um pequeno traço das teorias da psicologia infantil. A seguir apresento dois casos de práticas educativas que ocorreram no âmbito familiar mas que podem perfeitamente ser utilizadas como referencial da possível criação de um desvio emocional do âmbito escolar.

Termino com o relato da minha experiência em uma creche onde a minha já existente preocupação com a saúde mental veio a se solidificar e resultar no presente trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| I. EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA INFANTIL (Teorias da Psicologia) | 11 |
| II. EDUCAÇÃO E DOENÇA MENTAL: Como criar um louco | 17 |
| III. UMA CRECHE MODELO: APOGEU E FALÊNCIA | 33 |
| IV. CONCLUSÃO | 41 |
| BIBLIOGRAFIA | 43 |

INTRODUÇÃO

Vivenciei uma experiência traumática na minha Educação Infantil. Cresci e com a devida intervenção superei esse trauma. Mas, ironicamente, me tornei, com muito prazer e orgulho, uma professora de Educação Infantil.

Por essa minha experiência de vida, desenvolvi um interesse muito grande pelas questões que podem causar ou colaborar para um comprometimento no desenvolvimento emocional da criança de 0 a 6 anos. Mas esse interesse e essa consciência permaneceram no âmbito emocional durante algum tempo.

No curso normal, as teorias do desenvolvimento de Piaget não davam conta de embasar uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento. E não estou me referindo apenas ao desenvolvimento emocional, mas também cognitivo uma vez que existe uma relação de tensão entre ambos.

Foi a partir da minha experiência profissional em uma creche onde havia um comprometimento especial com o desenvolvimento emocional sadio da criança, que se iniciou efetivamente a minha construção do conhecimento acerca do que vem a ser uma prática com esse comprometimento.

Nesta creche, iniciei o embasamento necessário para prática baseado em Freud. As teorias deste autor dão conta das intervenções que possibilitam o comprometimento do desenvolvimento emocional da criança. Sobre essa experiência, faço um breve relato ao final deste trabalho.

Hoje, colaborando com sentimentos e instintos, está este conhecimento que me possibilita exercer uma prática educativa que de uma forma holística está comprometida com o desenvolvimento emocional sadio da criança.

Meu objetivo ao desenvolver este trabalho foi justamente aprofundar-me no desenvolvimento emocional da criança de 0 a 6 anos para então apontar, levando em consideração a crucial importância desta fase do desenvolvimento, as possíveis implicações da prática educativa no desenvolvimento emocional da criança sendo esta prática exercida em âmbito escolar na Educação Infantil devido a faixa etária.

Para tanto, apresenta este trabalho em três momentos: no capítulo I, discorro sobre as teorias da psicologia infantil, no capítulo II, analiso uma prática educativa responsável pela destruição emocional de duas pessoas – Daniel Paul Schreber e R. Kipling – por seus comprovando que a prática educativa tem o poder de comprometer seriamente o desenvolvimento emocional, sendo ela aplicada dentro de uma sistematização escolar ou no âmbito familiar ou tutelar, por último no capítulo III, faço um breve relato sobre a minha valiosa experiência na Educação Infantil na instituição a qual citei a pouco.

I. EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA INFANTIL (Teorias da Psicologia)

A maneira pela qual a criança resolve seus conflitos iniciais determina em grande parte sua saúde mental, formação do caráter, produtividade e capacidade de amar: grande parte dos problemas humanos tem sua origem na infância.

(Lerner, 1972, p.35)

Neste primeiro capítulo, discorro brevemente sobre as teorias de Freud e autores de seu grupo que tratam do desenvolvimento emocional da criança para que, partindo do conhecimento dos processos pelos quais a criança passa na idade entre 0 e 6 anos entenda-se também que tipo de intervenções são capazes de implicar no desenvolvimento emocional da criança.

Para Freud o componente afetivo é o motor de todo desenvolvimento. Farei considerações em âmbito institucional preferencialmente sem, de forma alguma ignorar o âmbito familiar.

Gostaria de ressaltar o amor como ponto preponderante na escolha do tipo de prática educacional a ser seguida.

Me ateno as teorias aqui presentes à seguir pela sua grande relevância e pelo fato de que os mesmos autores estabelecem seus pressupostos à partir de processos que estão subjugados à vivência do indivíduo e não a etapas estabelecidas biologicamente e com rigor, pois teorias com tal característica possibilitam a “formatação” do ser humano, bem como a estigmatização.

No entanto, uma teoria que compreenda a experiência como determinante atribui maior responsabilidade aos sujeitos envolvidos nessa experiência. Neste sentido a teoria de Freud cumpre um papel bastante relevante para educação infantil e, portanto, para os sujeitos responsáveis por ela.

De início tratarei da idade de 0 a 2 anos de vida. Neste momento, a fome e a sede são necessidades fundamentais do ponto de vista psicológico, isto porque, o bebê para expressar a fome e a sede, manifesta-as através de movimentos com o corpo e de choro direcionados a pessoa que irá alimentá-lo e saciá-lo. Neste momento o vínculo emocional está estabelecido. A frequência com que o bebê

requisita o adulto e a recepção que este adulto faz de tal requisição, são determinantes para as características dos vínculos afetivos estabelecidos entre os mesmos. Freud descobre em seus estudos, a matriz da afetividade na fase oral e comprova em pacientes neuróticos, perturbações nesta fase que seria também o primeiro momento da sexualidade. A capacidade de amar estaria intimamente ligada a relação entre a criança e o seio da mãe e as sensações boas que eles emanam passam a fazer parte de toda a vivência da criança.

Ela sente que o que está recebendo é bom e, portanto, ela também é boa. Essa relação saudável é necessária para uma vida afetiva saudável.

Segundo Goldfarb (1945, apud Rappaport, 1981), crianças que passam os primeiros 30 meses de vida em instituições e, recebem menos afetividade do que as criadas no lar apresentam efeitos nocivos que podem persistir mesmo depois de estarem inseridas em lares adotivos devidamente selecionados.

Dos dois aos três anos de idade a organização psicomotora começa a se estabelecer, seus feitos são comemorados com gozo, saltita e se introduz no mundo das pessoas.

Erik Erikson (apud Rappaport, 1981), denomina esta etapa do desenvolvimento como a "fase muscular-anal" sendo este momento, o momento da crise psicossocial da autonomia. Erikson utiliza tal expressão pelas modalidades de relação e fantasias anais que são descritas pela psicanálise e pelas atividades musculares ligadas as atividades sociais. A cobrança do treino de esfíncteres está presente de forma bastante considerável neste momento. As vitórias exaltadas geram sentimentos de grande êxito, enquanto as reprovações não são bem compreendidas. Reprovações com gritos e olhares produzem o

sentimento de inadequação e consideração que seus produtos¹ são maus ou destrutivos. A autonomia se desenvolvem concomitantemente ao desenvolvimento de comportamentos de oposição. O não aparece como demonstração de seus desejos.

De posse de tais conhecimentos os profissionais de educação Infantil podem conduzir sua prática de modo eu palavras, sentimentos, olhares e expressões guardem o desenvolvimento sadio da criança.

Para Rappaport (1981, p.3):

Mais vale, portanto, um carinho e uma posição firme do que nossa retórica explicativa, inútil para a compreensão infantil. Mas devemos ter claro que os lugares-tabu devem ser restritos. Caso contrário, não só atividade muscular infantil será inibida, como a maior parte das intervenções parentais serão destinadas a impor proibições. É difícil manter um bom vínculo afetivo onde há dominância do não.

(grifos meus)

Uma questão que julgo bastante relevante ressaltar é a questão do brincar. A criança pequena joga o chamado jogo: brinquedo paralelo. Ela gosta que outras crianças estejam brincando com ela, porém, estas são consideradas brinquedos, contudo, com essa prática a criança está estabelecendo um certo nível de socialização. A essa questão, voltarei no próximo capítulo.

Na fase anal, acontece uma organização particular da libido. No primeiro ano de vida a erotização foi oral e neste momento torna-se anal. Esta é a fase dos primeiros produtos. Andar e falar também são produções pessoais, porém, os primeiros objetos concretos sentidos pelas crianças e reais gerados por ela são

¹ - Excrementos para psicanálise.

as fezes e a urina. O treino de esfíncteres se inicia juntamente com o das fezes mas o controle das fezes acontece primeiro.

Segundo Rappaport (1981, p.5):

Em termos psicanalíticos, o estabelecimento destes primeiros produtos, ou seja, das trocas, não é simplesmente um processo estanque de dar e receber. Implica uma modalidade psicológica ampla, que envolve basicamente como o mundo receberá o que a criança é capaz de produzir. A socialização e a internalização de valores estarão ligados à receptividade que seus produtos terão no mundo. Isso lhe dará a dimensão de sua capacidade de produzir coisas boas, de sentir que pode entrar para o mundo, pois ela é boa e aceita, e seus produtos são bons e geradores de amor.

Esta fase anal também revelará prazer no ato de expelir, que as palavras de reprovação estabelecerão vínculo entre a questão do prazer e da reprovação.

É neste momento também que a criança alcança outras duas aquisições sociais o andar e o falar, sendo flagrante a regressão desses elementos diante de qualquer problemática emocional mais intensa. Neste momento, a formação de valores é muito regida, portanto, o certo e o errado devem estar bem estabelecidos. Os conceitos de ética estética são confusos no psiquismo infantil.

O feio é mau e o bonito é bom. Em termos práticos é importante estarmos atentos as palavras que usamos com as crianças.

Freud sintetiza a constituição afetiva masculina à partir da análise feita por um discípulo seu. Esta análise permite que Freud estabeleça a questão da valorização fálica. As atenções da criança analisada para o órgão genital das pessoas tentando detectar a existência ou não do "faz pipi". Esta valorização, que tem sua origem na filogenética, como estabelece Freud, é geradora de auto-

valorização do garoto, de busca de força, de poder e de conquista mas também é responsável pelo temor da castração que pode tomar ameaças aparentemente ingênuas, grande angústia com conseqüências trágicas para o psiquismo infantil. Sendo este fato outro importante sinalizador de cautela para os adultos.

II. EDUCAÇÃO E DOENÇA MENTAL: Como criar um louco

"Freqüentemente, é fácil observar que um adulto está comunicando algo de seu próprio interior, ao lidar com crianças, especialmente as mais velhas. O que o adulto diz ou faz pode mostrar claramente que está executando mecanicamente a sua tarefa".

Sullivan, 1, p. Grifos meus.

O objeto de estudo deste trabalho está sedimentado na instituição de Educação Infantil, porém a prática educativa pode se dar tanto em ambiente familiar quanto na escola ou creche. Em ambos os lugares, os mentores² desta prática são sujeitos históricos e donos de uma história.

Neste sentido considero válido ressaltar que permitir desde cedo que a criança se conheça e se aceite, crie livremente e deseje são atos que dependem da prática educativa deste adulto dotado, obviamente, de uma história de vida, e de todas as produções que esta imprimiu em seu emocional. Portanto a importância do professor de educação infantil possuir um embasamento teórico acerca do desenvolvimento não só emocional para que este norteie a sua prática não puramente por sentimentos e instintos pois estes, como já mencionei a pouco, estão subordinados a experiência de cada um como também o desenvolvimento cognitivo e psicossocial de criança.

Para ilustrar a distribuição que processos educacionais pervertidos são capazes de promover, discorro, a seguir, sobre dois casos de pessoas que subjugadas a uma educação destruidora, desenvolvem problemas de ordem emocional.

O primeiro caso é apresentado por Mannoni (1988), em uma análise na qual, segundo o mesmo autor, o delírio do paciente é estudado dentro de um contexto sócio-econômico e político. O segundo caso trata da infância de R. Kipling, perseguido por uma tutora, interessando-nos particularmente o motivo pelo qual o paciente apresenta o quadro, sua educação pervertida.

² - Em dado momento do artigo de Mannoni, esta autora irá afirmar que em seus estudos na Clínica, comprova que muitos casos nos quais os pacientes são qualificados como paranóicos, na verdade são seus pais ou educadores, os verdadeiros paranóicos.

O paciente em questão é Daniel Paul Schreber, filho do Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber, célebre por suas obras em anatomia, fisiologia, higiene, cultura, física e pedagogia. Durante anos o Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber foi ouvido por educadores, médicos e pais. Deve-se a ele a elaboração de regras de vida fundadas em uma disciplina impecável, que o mesmo aplicou em seu próprio lar. Resultado: um filho suicidou e o outro tornou-se um psicopata.

Os sintomas de Daniel Paul se iniciaram com uma série de mal-estares que ficaram adormecidos durante um longo tempo para reaparecerem quando Daniel Paul é nomeado Presidente do Supremo Tribunal de Saxe e assume uma posição de autoridade. Ao recorrer ao seu médico, o professor Flechsing, que o havia tratado anteriormente, acontece a *eclosão do delírio*.

A autora questiona acerca do motivo que possa ter levado Daniel Paul a desenvolver tal delírio, considerando a possibilidade muito eminente do conflito com o pai, já falecido muitos anos antes, ou a vertigem do sucesso e a dificuldade em assumir um papel de autoridade, que segundo uma análise psicológica significa assumir uma posição paterna.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud coloca que a construção do conceito de verdade está intimamente relacionada à figura de pai presente na vida do indivíduo. Os conceitos e a postura que esta figura paterna deixa explícito em seu relacionamento com o suposto filho e com o mundo. Mas, a noção de verdade só se dá através de uma dramatização que abrange a noção de morte de pai em natureza simbólica que significa um encontro com o objetivo de representação da verdade.

A doentia relação de poder do pai de Daniel Paul e seus filhos provocam o repúdio a verdade que ele representa. Em seu delírio Daniel Paul põe-se em uma posição passiva, abandonando todas as suas marcas de virilidade, situando-se como uma mulher objeto do amor de Deus. Neste sentido Daniel Paul apresenta o desejo de remanejar a realidade ou reconstruí-la. Essa posição de passividade.

Segundo Freud (apud, Rappaport, 1981):

"O poder, a conquista, a força, o direito de escolha do parceiro sexual são características masculinas nos grupos primitivos. Em partes, seus resquícios são encontrados nas sociedades atuais. No plano da fantasia, eles ainda organizam, para Freud, a constituição das estruturas masculinas (grifos meus).

Segundo Mannoni, pais paranóicos personificam em seus filhos seus sistemas teóricos, filosóficos, pedagógicos ou políticos e vivendo a verdade de seus pais se encontram impossibilitados de contestar, questionar, ou construir suas verdades, apresentando suas reações em forma de patologia.

Mannoni, desenvolve seu estudo acerca do caso de Daniel Paul a partir dos textos do próprio paciente e de seu pai, nos quais encontram-se relatos da infância de Daniel Paul. "Poucas pessoas foram criadas em princípios morais tão rigorosos como eu fui", diz Daniel. Princípios morais estes estabelecidos unicamente pelo pai, que declarava: "a mulher deve-se manter inexistente, apagada, não deixando o seu lugar a não ser pela voz de comando do pai".

Freud (apud, Rappaport, 1981) ressalta a importância das figuras do pai e da mãe em suas representações. Na primeira infância o menino estabelece um vínculo com a mãe e a figura de autoridade que reprime a conquista é o pai. Porém pai e mãe são alvos do amor da criança, assumindo o pai uma posição

ambivalente. É exatamente essa ambigüidade que permitirá ao menino organizar os modelos básicos de suas relações com o amor e a lei, portanto, com o desejo e a organização social.

O pai de Daniel Paul, Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber apresentava em suas obras o anúncio de um período em que as populações administrariam mais suas vidas, mas viveriam de acordo com regras rígidas que lhes seriam impostas de forma autoritária. Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber se julgava a encarnação do saber científico, um educador dotado de poder de cura. Um ser eu deveria possuir todas as respostas, mas ressaltava que o paciente para ser “curado”, deveria apresentar uma submissão total abandonando radicalmente seu corpo e seu ser.

Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber sistematizou em suas obras, idéias que já pairavam na época, uma moral terrorista.

As regras muito rígidas não permitiam que houvesse margem para dúvida, produzindo então vidas protegidas de dúvidas. No delírio de Daniel Paul, ele elabora uma nova construção do universo, que representava uma outra face da doutrina paterna.

O caso em questão, é obviamente uma situação exacerbada de uma educação que retratava o desejo e ideologia de uma sociedade em dado momento da história. Porém mecanismos de destruição sutis, do ser humano, podem causar semelhantes danos.

Os princípios educativos do Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber constavam das mais doentias formas de adestramento que foram testados todos em seus próprios filhos.

Segundo o Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber a criança é má de nascença, e para separá-la desta natureza, Dr. Daniel recomendava um adestramento moral e físico, através de alternações de abluções de água quente e fria desde os três meses de idade, ou seja, alternações de terror e sedução. Outra premissa terrorista do Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber era de que precocemente a criança deveria adquirir a arte da renúncia. Desta forma o educador deveria se apropriar da alma da criança para poder dominá-la, chorar ou choramingar seriam expressões de capricho e o primeiro surgimento da obstinação. Mediante tais reações, o educador deveria interrompê-las com palavras severas e golpes que surpreenderiam a criança parando seu pranto. Dr. Daniel ressalta que tal procedimento deve se repetir até que o resultado seja alcançado. Tal procedimento deveria se iniciar à partir do primeiro ano de vida, assegurando, desta forma, o controle total da criança pelo educador e apenas um gesto ou olhar seriam suficientes para reger a criança.

A insanidade da premissa pedagógica do Dr. Daniel compreendia, ainda, a bizarra prática de oferecer algo à criança, para despertar seu desejo, e depois, negar a criança esta mesma coisa, desta forma a criança estaria exercitando a arte da renúncia.

O terceiro princípio educativo do Dr. Daniel Schreber compreendia o controle do adulto sobre o corpo da criança. Partindo daí o desenvolvimento de toda a ideologia do corpo corretivo, do corpo que se explicita na ginástica médica e diversas aplicações ortopédicas. Daniel Paul, obviamente, submetido a essa prática de correção do corpo desenvolveu distorções do nível da imagem do corpo.

Neste sentido, Le Boulch (1982, p.15) faz o seguinte registro:

"A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Ela não corresponde só a uma função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento. A imagem do corpo não está pré-formada, ela é, segundo a expressão de Mucchielli, "estrutura estruturada". É através das relações mútuas do organismo e do meio que a imagem do corpo organiza-se como núcleo central da personalidade. A atividade motora e sensório-motora, graças à qual o indivíduo explora e maneja o meio, é essencial na sua evolução".

Logo no início deste capítulo, faço referência a eclosão do delírio de Daniel Paul, que segundo a autora Mannoni acontece com a existência de dois conflitos, um atual e outro antigo.

Ao sentir os mal-estares que iniciaram os sintomas que resultaram no delírio, Daniel Paul, procura o médico que o havia tratado anos atrás, Professor Flechsing. Este médico, Professor Flechsing, trata o problema de Daniel Paul apenas no âmbito da neurologia, ignorando a questão emocional. Dr. Flechsing não considera a história de seu paciente e não lhe ouve. Exalta os benefícios das últimas descobertas da neurologia e com elas tenta solucionar os sintomas de Daniel Paul. Porém, Daniel em seus escritos sobre o contato com Dr. Flechsing, se diz muito afetado pela eloquência com que este lhe respondia as perguntas. Tal posição de detenção do saber e superioridade fazem com que Daniel veja no médico a figura de seu pai. Eis o conflito atual.

Daniel Paul responde ao tratamento neurológico com sintomas ainda mais severos que pelo seu fundamento nenhuma droga pode aliviar. Em seu delírio, Daniel assiste ao fim do mundo, vê seu corpo voar em estilhaços, e a alma de

Flechsing se instalar em seu ventre, sendo ela impossível de digerir, Schreber a vomita sem dificuldade.

Alguns autores, expressando repúdio pelos princípios educativos decorrentes de uma tradição religiosa do século XIX, chegam a declarar que não existe diferença entre educação autoritária e educação “progressista”, afirmam sim, que toda forma de educação é uma forma de castração.

Segundo Satre (apud, Mannoni, 1988):

“A criança em sua família e na escola vê-se acolhida entre sedução e punição como método educativo. A alternativa é aliás muito relativa: a conduta autoritária ou liberal procede, com efeito de uma só violência, manifesta ou encoberta”.

Outro autor que também faz declarações da mesma ordem é Foulcaut (apud, Mannoni, 1988) afirmando que:

“O que se exige à criança: submeter-se às exigências e aos estereótipos de um código de boa conduta; o discurso em que ela dói colhida nada mais é, portanto, senão um ritual definido de condutas a respeitar, determinando os papéis que devem ser desempenhados”.

Comprovar afirmações da natureza das acima apresentadas, não é de longe o objetivo deste trabalho. Acredito sim em uma educação que liberta, que instiga, que desvenda talentos, corpos e mentes. Acredito e quero morrer acreditando na educação (infantil) que faz feliz.

Para Gandi:

“Ser educador é desvendar o que há de maravilhoso em um ser humano”.

Retomando o caso de Daniel Paul, considero importante ressaltar que a ideologia autoritária de seu pai, Dr. Daniel G. M. Schreber, foi explorada pelos nazistas.

Segundo Mannoni (1988), a educação carrega em si o perigo de transformar-se em um drama. Quando, por exemplo, uma mãe espera demais de seu filho, este esquiva-se, para não ser destruído no seu desejo, abandona seu corpo podendo desenvolver alguma patologia como a anorexia. Na escola o desejo de ser e fazer do aluno colide com o desejo do professor do que o aluno faça, anulando assim o que poderia sustentar validamente o desejo do aluno. O professor muitas vezes deseja que o aluno satisfaça seus desejos agindo de uma forma que para seus parâmetros o faça sentir competente e vitorioso. Tal procedimento faz com que o aluno se defenda de alguma forma, sentindo a ameaça de alienação. Da mesma forma que isso acontece entre professor e aluno, acontece também entre pais e filhos.

Mannoni declara que *a escola, depois da família, passou a ser hoje o lugar preferido para fabricação da neurose.*

A posição do Dr. Flechsing de autoridade e de possuidor do saber causaram a entrada de Daniel Paul no campo do delírio para não mais sair dele, Daniel se sente mais uma vez suprimido como sujeito, permitindo neste momento a explosão do ódio a uma tirania de que tenha sido vítima. Delirante, Daniel Paul é mantido em um hospital psiquiátrico.

Volto a questão da importância do cuidado com a saúde emocional do professor sendo ele o sujeito que realiza ou não uma prática educativa capaz de implicar no desenvolvimento emocional da criança, é ele também o sujeito capaz

de ao entrar em contato com determinada literatura pedagógica irá detectar em qualquer literatura pedagógica que disponibilize, a presença de conteúdo impróprio de ser praticado.

Partiremos, agora, para o segundo caso.

No caso de Daniel Paul Schreber, a educação a qual dói submetido e conflito pai-filho por ele vivenciado, resulta em uma psicose. Daniel reconstrói a realidade sob forma de delírio, no entanto, Kipling, reconstrói sua realidade em forma de fantasia infantil.

Segundo o próprio Kipling (1941, p. 290) que na vida adulta, se torna o escritor que a infância anunciou, "o infortúnio da criança se deve ao fato de que não sabe o que se abateu sobre ela, pois é o reconhecimento do que lhe acontece que permite ao sujeito conservar referências no plano da identidade.

A criança brinca para e cria para produzir a verdade da realidade de sua vida e do mundo. Castrar a criação e o brincar é impedir de entender o mundo e se entender. Por exemplo, a perda abrupta dos pais (por morte, abandono, ou qualquer outro motivo) representa para criança a pior das tragédias. Assim as crianças que não cumprem rituais religiosos ou sociais de enterro, não conseguem vivenciar concretamente a situação. Sem dizer adeus a seus pais, esses se tornam fantasmas e (caso a relação mantida com a sua antiga família tenha sido adequada) a sua adaptação é tranqüila suspendendo a relação com os antigos pais. A adaptação também pode ser muito difícil (caso a relação com a antiga família tenha sido ruim). Os entraves vivenciados na antiga família podem ser projetados na família adotiva a ponto de tornar impossível o entendimento e a

convivência. Nesses casos, a criança sente muita culpa a respeito dos seus sentimentos de ódio, que se sente melhor em uma instituição.

Kipling revela em sua obra, todo seu drama. Aos seis anos de idade, é separado bruscamente de sua família. Seus pais eram amorosos, mas a mãe adotiva, tia Rosa, é a responsável pelo sofrimento de Kipling.

Nascido em Bombaim em 1865, Kipling era filho do diretor da escola de Belas Artes. Kipling relata uma infância feliz junto aos seus pais biológicos. Sua mãe cantava cantigas de embalar para ele e sua irmã, dois anos e meio mais nova que também compartilhava dessa felicidade. Kipling menciona uma *ayah* e um grande amigo protetor, um *big brother*, ao qual ele faz referência durante toda a sua obra.

Ao relatar a sua partida da Índia, Kipling ressalta seus temores noturnos, o medo do escuro, o ataque de um pássaro gigantesco de que ele foi alvo, relata também o barco, o trem atravessando o deserto e um país sombrio e frio. Kipling vê seus pais indo embora e lhe dizendo para aprender a ler e a escrever rápido para enviar-lhes cartas. Após esse momento, se inicia o sofrimento que imprime impiedosamente suas marcas no desenvolvimento emocional de Kipling, e é através da fantasia que ele sobrevive aos maus tratos e a perseguição de que é vítima. Seus pais encontram os pais adotivos em um anúncio de jornal. Kipling sofreu mais que sua irmã, pois tia Rosa se tomou de amor por ela. Tia Rosa é descrita como uma mulher tirânica e uma religiosa obsessiva.

Os maus tratos e a revolta contra os pais pela falta de cuidado em encontrar uma família que o acolhesse, eram mantidos em segredo e nunca

revelados para uma tia “adorada” na casa da qual as crianças passavam os meses de dezembro.

Na “Casa da Desolação” como Kipling denominou a casa onde viveu, ele aprendeu o que eram o inferno e o pecado além de ser regularmente espancado e sofrer o sarcasmo dos filhos de doze e treze anos, de tia Rosa. Ao lermos os relatos de Kipling podemos sentir o quanto àqueles anos significaram uma morte em vida, lenta e dolorosa. A alegria e a espontaneidade eram aniquiladas a pancadas.

Em dado momento, Kipling passa a sentir prazer na leitura, a fantasia e a criação acontecem para reconstrução do mundo, um mundo maravilhoso que Kipling habita ao lado de sua irmã.

O abandono de seus pais produzia em Kipling uma cólera da qual este tentava escapar idealizando uma infância feliz. Porém, um fato foi de grande valia para Kipling e sua irmã Trix, a harmonia na qual os dois viviam entre si. O jogo desenvolvido pelas crianças as protegia do desmoronamento, pois o brincar é terapêutico em si mesmo, como demonstrou Winnicott. No referencial curricular nacional para Educação Infantil (1998, p. 27), encontramos, felizmente, considerações importantes sobre a questão do brincar – no ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhe deram origem”.

Mas, a realidade de Kipling acabou por tomar todo o seu ser e ele desenvolve uma “depressão nervosa”, começa a perder a visão e apresentar alucinações visuais. Ora, tia Rosa castrava toda manifestação de prazer da

criança. Seus livros eram retirados quando ia mal na escola e desta forma Kipling piorava nos estudos. A experiência que Kipling vivia era impossível de simbolizar.

O drama é levado pela tia materna, a qual Kipling se refere como “adorada”, a seus pais. A mãe vai ao seu encontro e quando chega no seu leito, o filho faz com as mãos gestos de quem se protege de golpes. A mãe leva as crianças para o campo mas a irmã volta para casa de tia Rosa pouco tempo depois. De tia Rosa, Trix apreende inteiramente toda educação religiosa e obsessiva. Quando adulta, Trix sofre várias vezes de depressão.

Kipling volta para junto de sua mãe, mas a situação de abandono que viveu, foi agravada pelos mecanismos de destruição de sua tutora.

Durante o tempo que Kipling fica com sua mãe no campo, descobre que ela escreve poemas e percebe que para seus pais, os livros e os quadros são as coisas mais importantes do mundo.

Antes de voltar para a Índia, a mãe de Kipling confia as duas crianças a três encantadoras mulheres, sendo uma delas escritora, Kipling volta a ler muito e a escrever. Mas, a tradição mandava que aos doze anos o menino fosse para o colégio interno. Mais uma vez Kipling vive a situação de abandono. Por motivo de economia, Kipling ingressa em um colégio que preparava filhos de oficiais para carreira militar. Durante os dezoito primeiros meses, Kipling vive uma experiência educativa particularmente traumática, mas após esse período, Kipling deixa sua posição de vítima e faz amigos. É a irmã de Kipling quem narra em seus escritos, a dificuldade de adaptação do irmão à vida no colégio interno, ela relata que Kipling escrevia para família várias vezes queixando-se de não conseguir comer e dormir.

Fazia parte também da tradição que os filhos fossem criados na Inglaterra e a família não poderia se furtar a essa prática.

Naquele universo masculino, Kipling sentia-se a salvo da autoridade feminina (tia Rosa).

Dentro de seu imaginário, Kipling, para se defender, muitas vezes assume o papel de morto para se defender da morte e tornar-se invulnerável. Neste espetáculo que a mente de Kipling produz, ele assume um papel duplo pois também é expectador de uma história produzida das suas experiências mas também da ordem do mundo.

Freud, em *Minha Vida e a Psicanálise*, 1925 admite a possibilidade de recriação para escapar do sofrimento da realidade.

Para Winnicott (apud Mannoni, 1986) é o terreno do brincar que constitui nossa realidade, atribuindo à experiência cultural (e ao brincar) um lugar que situa entre o subjetivo e o objetivo, entre o sujeito e seu ambiente: esse lugar, não está nem na realidade psíquica, nem na realidade exterior, e quando faltam à criança o brincar e o contra brincar da mãe, isso tem efeito em sua criatividade. A possível perda da vida criativa implica naquele tipo de aflição encontrada na psicose ou, segundo o mesmo autor, em condutas anti-sociais.

Os princípios pedagógicos de tia Rosa eram semelhantes aos do Dr. Schreber no sentido de calar qualquer expressão de prazer, criação e colaboração verbal.

Kipling voltou à Índia com dezesseis anos de idade. Juntou-se, então, a sua família e trabalhou como repórter, escrevendo nas horas vagas, romances e poemas que o tornaram célebre muito jovem.

Em seus livros, Kipling simboliza a sua história.

Com base nos estudos de Freud, podemos ressaltar que Kipling sofreu a perda dos pais entre os 6 e os 12 anos de idade, época do declínio do complexo de Édipo. Segundo Freud, essa perda do objeto (com o retorno das identificações primárias) pode acarretar a melancolia- a angústia de castração e a insegurança à partir da arbitrariedade, no caso, encarnada em tia Rosa.

Contudo Kipling não desenvolve uma psicose como Daniel Paul porque que é salvo pela capacidade de criar, de fantasiar que se mantém presente em meio ao sofrimento do qual é vítima. Muito provavelmente as construções emocionais da primeira infância são as grandes responsáveis.

O caso de Kipling é um relevante sinalizador da importância que os vínculos emocionais da primeira infância (0 a 6 anos) têm na vida das pessoas.

Para finalizar, gostaria de ressaltar, mais uma vez, a importância dos “mentores” da educação, que estão nas estantes das bibliotecas, nos interiores das casas com suas crianças, nas escolas (nas salas de aula ou não), nas creches, nas coordenadorias de educação e nas secretarias. São esses sujeitos que direcionam os rumos da educação; esses sujeitos donos de uma história de vida que se torna explícita em seus mecanismos de relacionamento com o outro e consigo.

Permitir desde cedo que a criança se conheça e se aceite, crie livremente e deseje, é um ato que está subordinado à prática educativa deste adulto.

A tempo ressalto que não constitui meu objetivo estabelecer que qualquer ser humano com uma história de vida traumática causará traumas nas crianças que estiverem em contato permanente consigo. Constitui sem apontar o estudo

acerca a primeira infância, e a afetividade como fatores indispensáveis para uma educação adequada.

Rousseau, ao pensar em educação considera o lugar da mãe (que ele não teve) como dispensável e aponta uma ruptura da relação mãe-filho. Um século mais tarde, o Dr. Daniel G. M. Schreber retorna ao tema educação estabelecendo que a natureza é má. Rousseau dizia: “Nada de mãe, nada de filho. Dr. Schreber disparava: “que a mãe se apague, é a voz do pai que importa. Esses dois sujeitos reproduzem em suas teorias, segundo Mannoni, a própria infância fracassada.

III. UMA CRECHE MODELO: APOGEU E FALÊNCIA

Entre o bebê e as personagens que cuidam dele, interação e brincam com ele se estabelece uma forte relação afetiva (a qual envolve sentimentos complexos e contraditórios como amor, carinho, encantamento, frustração, raiva, culpa etc). essas pessoas não apenas cuidam da criança mas também mediam seus contatos com o mundo. É nessas interações, em que ela é significada / interpretada como menino / menina, como chorão ou tranqüilo, como inteligente ou não, que se constroem as suas características. As pessoas com quem construíram vínculos afetivos estáveis são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica.

(Referencial curricular nacional para Educação Infantil, 1998, p.17)

Por minha experiência própria, desde que escolhi ser professora, sabia o quão grande era a influência desta figura na vida de uma criança de três, quatro, cinco, seis anos de idade ou menos. Sendo que quando me refiro a idade abaixo de três anos, estou impulsionada pelo conhecimento e não pela nitidez do que a minha memória pode alcançar, pois foi ela que em primeiro lugar norteou a minha prática educativa no que diz respeito ao que eu gostaria de chamar de “bom senso” ao tratar as crianças da Educação Infantil (digo as crianças da Infantil, pois foi a elas que me ative neste trabalho e na minha experiência profissional).

Desde muito cedo, resolvi também, que o que eu fizesse da vida não poderia ser apenas em benefício próprio, mas haveria de fazer sentido na vida de outras pessoas.

Foi com todos esses sentimentos que fiz o curso de Formação de Professores de onde saí desempregada e feliz.

Dei aulinhas³ de inglês durante algum tempo, mas sempre a procura de um lugar onde a importância da infância fosse tão absolutamente compreendida que se permitisse às crianças serem felizes sem a pretensão ingênua que a escola daria conta sempre e totalmente desta felicidade, mas que todos os esforços fossem dispensados para tanto.

Em dado momento, estava terminantemente decidida a cumprir o meu propósito de fazer algo realmente importante o mais rápido possível, foi neste momento da minha vida que li um anúncio no jornal onde se pedia professores de Educação Infantil para atuarem em uma creche no Flamengo. Parti para entrevista. Antes de qualquer pergunta, a psicóloga da creche fez uma

³ - Uso o diminutivo, pois tais aulas eram para mim realmente de importância menor, pois eu não conseguia estabelecer vínculos com os alunos e o meu desejo era participar diariamente da vida escolar dos meus alunos.

explicação acerca da filosofia da instituição e do método de ensino adotado pela mesma.

Aquela pessoa que explicava na minha frente, ao mesmo tempo em que nos fitava com olhar investigativo, me dava todas as informações que vinham a corroborar com as minhas idéias e sentimentos.

A filosofia da escola era humanista com seus esforços voltados para prevenção à saúde mental. Neste sentido, o papel da professora era preponderante, pois estaria agindo diretamente com as crianças e responsável pela ação dos demais adultos em relação às crianças.

Tentei fazer o melhor que pude nas tarefas de avaliação e além delas, foram três dias com a turma que a candidata assumiria caso fosse aprovada.

Uma turma de crianças de oito meses a dois anos me esperava, quantos eram já não lembro.

Comecei a conhecer aquele espaço tão esperado. A faixa etária das crianças que era inesperada, não havia pensado em trabalhar com tão pequenos, mas adorei. Fui contratada. E foram cinco anos...

Eu vi descasos, eu vi mais casos e a vida não só de crianças mais de famílias inteiras sendo expostas ali, bem no meu canto.⁴

Havia reuniões pedagógica quinzenais onde a própria coordenadora pedagógica fazia às vezes de figura decorativa, pois era a psicóloga e dona da escola quem conduzia os aspectos pedagógicos e a coordenadora carregava apenas o título ficando responsável por questões administrativas.

⁴ - Batizei a minha sala de aula de "meu canto" porque dentro dela aconteciam muito mais do que aulas. As trocas que acontecia, entre mim e as crianças eram aulas de vida.

Nas ditas reuniões aconteciam uma troca muito importante. Situações, problemas que estavam ocorrendo nas salas de aula eram expostas, havia uma troca e dependendo da necessidade, o caso era a partir deste momento acompanhado para um possível encaminhamento para profissionais competentes no caso da necessidade estar excedendo o âmbito escolar.

As professoras orientadas pela psicóloga traçavam estratégias para atuar frente as situações apresentadas e em caso de dificuldade a mesma executava as atividades em parceria com a professora.

Para que fosse viabilizada a questão das atitudes frente a criança visando a prevenção à saúde mental, nas reuniões, também estudávamos as teorias do desenvolvimento infantil, para que tivéssemos embasamento para este que eu denominei anteriormente de “bom senso” ao tratar com as crianças. E é fato que à partir deste embasamento cria-se e recria-se a prática que desejamos.

Observar a criança a dar os primeiros, subir pela primeira vez no escorregador, pegar a caneca e levar até a boca executando movimentos elaboradíssimos a essa altura, foi um exercício muito rico. Neste momento tudo é grande, tudo é importante e quase tudo é perigoso.

Essas conquistas motoras proporcionaram que se vislumbre o quanto também são decisivas as conquistas e impressões emocionais deste momento da vida humana.

A observação da criança na Educação Infantil me emocionava e renovava a cada sorriso desdentado.

A criança apesar de todos esse estado de construção de mecanismos que determinarão a sua vida futura, não é poupada dos fatos da vida. A perda da mãe,

pai ou figura que os represente, uma violência sexual, um espancamento, uma prática educativa insana e castradora (como vimos no capítulo anterior) ou mesmos intervenções mais sutis ocorrem a todo momento na relação adulto x criança. Neste sentido refeito sobre a ação da prática educativa institucional como não só geradora de comprometimentos emocionais como também possível potencializadora de fatos alheios a sua conduta.

Quando uma criança sobre uma situação traumática, o adulto tem o poder de acolhe-la a ponto que tal fato seja melhor gerenciado. Porém, se os indícios de que algo está errado com uma criança são ignorados ou tratados como “falta de educação” ou rebeldia, o desenvolvimento emocional dessa criança pode ser comprometido.

Como já mencionei, a vida das crianças e suas famílias se apresentam na sala de aula e assim aconteceu muitas vezes...

A maravilhosa peculiaridade do ser humano é assim: somos assaltados e agraciados por reações inesperadas e, também, somos humanos; humanos e profissionais de educação sendo este fator o diferencial das nossas atitudes, ou pelo menos deveria ser.

Relatarei a seguir o momento desta minha experiência no qual eu me senti mais humana e mais profissional que nunca.

Os olhos ávidos de aprovação me despertaram para o que aquela criança sentia e do que precisava. Sentia-se só. Sua mãe morria no hospital e ela com apenas três anos clamava pelo amor que a alimentava a vida. Foram meses de angústia.

Seu pai tentava manter-se “equilibrado” e era um pai atencioso e bom. Mas esse era um daqueles fatos os quais me referi, que não podemos evitar mas que se pode não potencializar. Assim movemos nossos esforços para que não acontecesse. Mariana havia se tornado uma outra criança, a calma e o sorriso fácil deram lugar a um olhar sem vida e uma agressividade, que por sua não existência anterior expunha ao que a criança estava sofrendo. Entender a agressividade de Mariana como uma reação ao que ela estava sentindo se concretizou em um atendimento psicológico em sala de aula para aluno e em outro momento para mim que sofria inevitavelmente junto com ela. Fazer com que a criança entendesse que agir de forma agressiva não era positivo nem para ela nem para o outro, era importante, bem como cerca-la de muito carinho.

As atitudes a serem tomadas visando a saúde emocional das crianças cotidianamente ou em casos como o citado, eram estabelecidas à partir do nosso próprio entendimento emocional que acontecia nas terapias em dupla, onde auxiliar e professora juntas tratavam das suas práticas e onde qualquer divergência de opinião era abordada para que se obtivesse o melhor para o desenvolvimento emocional dos nossos alunos.

O momento da anamnese com os pais na entrada das crianças na instituição era feito de forma muito criteriosa e também o relacionamento entre as famílias dos alunos e a equipe, recebia atenção especial, para que se estabelecesse uma confiança mútua. Eram promovidos encontros no Aterro do Flamengo onde pais, professores, auxiliares, serventes e direção brincavam com as crianças e como crianças. É claro que conseguir a adesão total das famílias seria muito difícil, mas a quantidade das que participavam e que tornavam um

membro de nossa equipe era bastante considerável. Deste modo, pais e responsáveis se sentiam mais à vontade para pedir uma orientação sobre algum comportamento da criança ou qualquer nuance do relacionamento entre eles.

Era gratificante ver pais e filhos brincando felizes, pois era normalmente assim que acontecia, ainda que de início o responsável estivesse ali cumprindo uma obrigação de agrado ao filho.

Em meio a toda criatividade que permeava a prática pedagógica da creche os problemas administrativos começaram a influenciar gradativamente as questões pedagógicas e o material mais importante que era o humano, começou a falir.

Para que todo propósito continuasse a se realizar, minimamente era preciso que as pessoas fossem treinadas e recebessem o suporte psicológico necessário, que anteriormente era oferecido.

O grupo era bastante coeso, mas com problemas financeiros que a escola enfrentava por má administração e por dificuldade de adquirir novos alunos⁵, pois os problemas financeiros impediam a realização de uma manutenção rigorosa no espaço físico e, portanto os pais não se sentiam atraídos a matricular seus filhos em uma escola a qual o espaço físico estava com ares de decadência, assim os profissionais começaram a desligar-se da instituição em busca de melhores condições de trabalho e salários compatíveis. Com isso houvesse remoção no quadro de funcionários e o grupo que eu encontrei quando cheguei e que se conhecia muito porque tirava a "carapaça" na frente do outro, mas nossas dinâmicas, já não eram o mesmo neste sentido, posso afirmar que o grande

⁵ - A creche atendia crianças de 0 a 6 anos, portanto era preciso que houvesse uma renovação porque uma vez com seis anos, as crianças saiam da escola.

motivo da eclosão da falência (não só financeira mas estrutural) da instituição foi a não manutenção dos objetivos através de um trabalho realizado com os novos profissionais, que poderiam perfeitamente exercer uma prática comprometida com o desenvolvimento emocional sadio das crianças, se recebessem embasamento para tanto, afinal a instituição já existia a dezenove anos e a renovação de pessoas era um movimento natural, eu mesma estive por lá apenas cinco preciosos anos.

Tal falência de propósitos levou-me a refletir sobre o quão perecível é o ser humano e o quão grande é a sua necessidade de renovar-se. Neste sentido sinto também a reafirmação das construções emocionais básicas que talvez quantifiquem ou qualifiquem este ser perecível.

Mantenho em sigilo o endereço da creche, seu nome e o nome das pessoas citadas, pois as mesmas não foram consultadas para tanto. Esse respeito não poderia deixar de existir, uma vez que essas pessoas proporcionaram-me uma vivência tão importante que é a grande responsável pela execução desse trabalho bem como da minha prática profissional fora desta instituição.

IV. CONCLUSÃO

Para concluir verifico com satisfação que o professor de educação infantil dispõe de ampla literatura que trata da questão do desenvolvimento emocional da criança, ainda que o desenvolvimento cognitivo seja tratado mais freqüentemente.

As crianças deixam suas casas, seus ninhos seguros ou não e seguem para escola/creche; vão encontrar seus iguais. São seres humanos, futuros adultos donos deste mundo, e é assustador saber o quanto a nossa palavra, o nosso gesto e o nosso olhar podem causar, no mínimo, tristeza.

O desenvolvimento emocional, como disse Freud, é o "motor de todo o desenvolvimento, portanto, ^{deve} a importância de um embasamento teórico acerca dessa questão". Estruturar a prática pedagógica na creche e escola de educação infantil a partir dos pressupostos da psicologia infantil constitui fator de grande importância, bem como a capacitação dos profissionais que atuam nessa área. Ao entender os mecanismos que acontecem no psiquismo infantil, o quanto estão relacionados à afetividade permite também a esse profissional a análise da sua prática e o exercício da sua própria afetividade.

Vê-los se ajudando, sorrindo para sua imagem no espelho, correndo ofegantes no parquinho é viver mais intensamente. Me apropriar, de certa forma, do que eles têm e são é ser feliz e ser feliz é o propósito maior de todo ser humano saudável.

Por esse motivo acredito que assim como nos recordamos nitidamente do Teorema de Pitágoras ou do dia da Inconfidência Mineira, um dia os adultos possam lembrar-se da afetividade da escola.

BIBLIOGRAFIA

INOUE, ANA; WAJSKOP Gisela e PEREIRA Sílvia (coord.). Referencial nacional para educação infantil: Brasília: MEC, 1998.

JERSILD, Artur. Psicologia da criança. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

LE BOULCH, Jean. O Desenvolvimento Psicomotor. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

LERNER, Léa. Criança também é gente. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MANNONI, Maud. De um impossível ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. Educação Impossível. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RAPPAPORT, Clara Regina. Psicologia do desenvolvimento - Idade Pré Escolar: São Paulo: UPU, 1981.